

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS *

Ben Ami, Issachar (org.), *The Sepharadi and Oriental Jewish heritage. Studies*. Jerusalem, The Magnes Press, The Hebrew University, 1982.

Durante e após a Segunda Grande Guerra as comunidades sefaraditas da Europa, África e Ásia, foram forçadas a abandonar os países onde se haviam estabelecido depois da expulsão da Espanha em 1492. Um certo número de refugiados de guerra estabeleceram-se em Israel, onde, pouco a pouco começaram a se conscientizar de sua origem comum: Espanha e Portugal. A atenção dos estudiosos voltou-se então para a pesquisa da herança ibérica, tanto entre os serafaditas de Israel como entre aqueles que foram buscar asilo na América e em outros países. Descortinou-se um riquíssimo material, longamente adormecido, sobre história, literatura, folklore, música, filosofia, idioma etc. Esses estudos desenvolveram-se rapidamente nos últimos anos, o que levou à criação em Jerusalém de um Instituto, Misgav Yarushalayim, dedicado ao estudo do judaísmo ibérico e oriental. O Instituto foi fundado em 1973, com a finalidade de promover a pesquisa sobre tudo que diz respeito à dispersão sefaradita, a partir do édito de Fernando e Isabel de Castela, assim como também sobre os judeus de origem oriental.

Depois de alguns anos de ativas investigações científicas, o comitê acadêmico Misgav organizou, em Julho de 1979, o 1º Congresso Internacional de Judaísmo Sefaradita e Oriental, cujas Atas, acabam de ser publicadas, em 3 volumes, dois em inglês e francês, e um hebraico. Ao todo foram apresentadas 120 comunicações, da autoria de pesquisadores das mais importantes universidades dos Estados Unidos, França, Inglaterra, Israel etc. A nota que segue refere-se ao primeiro volume, que contém 37 artigos. Os trabalhos apresentados giram em torno de quatro grandes tópicos. 1º — história dos judeus de origem ibérica nos países em que se estabeleceram depois do início da emigração da Espanha e Portugal, (Iugoslávia, Bulgária, Grécia, Marrocos, Holanda, França etc.), e história dos judeus orientais (Irã, Iraque, Egito, Índia etc.). Nessa parte, cinco das comunicações referem-se a cristãos novos portugueses. A primeira, de autoria de quem escreve esta Nota, intitula-se "Some Theoretical Considerations about the New Christian Problem". De Bruce A. Lorence temos um longo artigo dedicado a

* (A. N.: Anita Novinsky. M. L. M.: Maria Luiza Marcílio. S. L. M.: Sílvia Levy Moreira).

historiografia sobre a Inquisição e Cristãos Novos, onde analisa textos sobre a Inquisição portuguesa, inclusive a polêmica Revah-Saraiva: "The Inquisition and the New Christians in the Iberian Peninsula. Main Historiographic Issues and Controversies". Evelin Kenig fez uma comunicação sobre "Identité des Nouveaux Chrétien portugais au Brésil au XVI siècle". Eva Uchmany, da Universidade do México apresentou um trabalho sobre "Cripto Judios y cristianos nuevos en las Filipinas durante el siglo XVI", e o Professor Gerard Nahon, da Sorbonne, um trabalho sobre "Une source pour l'histoire de la diaspora sepharade au XVIII siècle: le "copiador de cartas" de la communauté portugaise d'Amsterdam".

A segunda parte foi dedicada à literatura e filosofia. Em literatura encontramos dois nomes consagrados da Universidade da Califórnia, Samuel G. Armistead e Joseph H. Silverman. O artigo de Armistead, "New Perspectives in Judeo-Spanish Ballad Research", nos mostra a importância da tradição das Baladas Sefaraditas, pois segundo o autor, de todos os generos de literatura oral, são as "romansas" que mostram de maneira mais segura o vínculo com o passado espanhol.

Nos últimos anos diversos hispanistas ocidentais aumentaram seu interesse pelo repertório das Baladas dos sefaraditas, encontrando nelas um meio de preencher as lacunas que existem no Corpus das Baladas espanholas entre a Idade Média e o século XVI: o *Romancero*. As tradições das Baladas constituem uma enorme ajuda aos filólogos, permitindo-lhes reconstruirmos os primeiros estagios do *Romancero Hispanico*. Mas, como diz Armistead, as Baladas sefaraditas não são um simples repertório de relíquias poéticas fossilizadas, mas são uma magnífica fonte para o conhecimento dos valores e atitudes dos sefaraditas. Contam histórias e falam de personagens, evocam reis, condes, duques, princesas, refletindo amplamente a perspectiva aristocratizante do sefaradita, sua "hidalguia" hispânica, que juntamente com seu judaísmo ajudou-o a sobreviver como um povo distinto, "hispano judeu", através dos séculos de seu exílio na África do Norte e nos Bálcãs, principalmente. Ramon Menéndez Pidal, em 1906-1907, juntou todas as Baladas judaico-espanholas que se conheciam até então, no importante "Catálogo del romancero judio-espanhol". Desde então especialistas têm recolhido Baladas orais entre os sefaraditas de Nova York, Washington, Tânger, Salônica, Marrocos, etc. Essas Baladas precisam ser colecionadas a partir da tradição oral, entre as famílias, enquanto ainda é tempo. É lamentável que nenhuma pesquisa esteja sendo feita em Belém do Pará, no Brasil, para recolher o riquíssimo material que lá ainda existe, entre os sefaraditas de origem Marroquina, que imigraram para Belém no início do século XIX. Outros artigos sobre as Baladas ainda constam deste volume, que não mencionamos para não estender esta Nota Bibliográfica.

Sobre o terceiro tópico do Congresso, dedicado a Língua, os trabalhos apresentados são também de enorme interesse, pois trazem algumas elucidacões sobre o confuso problema do "ladino", "judeo espanhol", "judezmo", "rakitia". Como sabemos, os judeus que saíram da Espanha e Portugal levaram consigo o idioma que falavam nos seus países de origem, que muitas vezes os autores denominaram "dialeto", mas que agora é considerado uma língua tradicional independente, falada

no leste europeu e nos Bálcãs, pelos sefaraditas. Na Universidade de Colúmbia, no Departamento de Linguística, criou-se em 1975 um curso de graduação e pós-graduação, intitulado “Judezgo language and Literature”. O “*judezgo*” foi falado principalmente nas áreas de heterogeneidade linguística e cultural, como na Espanha moslêmica, no Império Otomano e na África do Norte.

A quarta parte dos tópicos versam sobre Cultura, Folclore, Música e Arte, artigos que mostram o alto nível dos colaboradores. Historiadores, filólogos musicólogos, folcloristas encontram nesse volume, curiosas informações sobre a cultura ibérica, preservada pelos descendentes dos judeus espanhóis e portugueses, através dos séculos. (A.N.).

Capelato, Maria Helena e Prado, Maria Ligia, *O Bravo Matutino. (Imprensa e ideologia: O jornal “O Estado de São Paulo”)*. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1980.

O livro das autoras revela a preocupação de utilizar a imprensa como fonte histórica de uma análise crítica e não apenas como fonte de informação e dados sobre um período abordado. No caso, editoriais do jornal “O Estado de S. Paulo” são analisados sob a perspectiva — assumida pelas autoras — de que a imprensa não pode ser tomada enquanto “veículo *neutro* de informações”, mas sim como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social e política do país.

Fruto da fusão de duas teses de Mestrado, apresentadas ao Departamento de História da F.F.L.C.H. da USP em 1974, “O Bravo Matutino” acompanha os editoriais de “O Estado de São Paulo” — apresentados no jornal na controvertida seção de “Notas e Informações” — de 1927 a 1937. A escolha desse período foi determinada por sua importância para o entendimento das manobras políticas que culminaram no golpe de 1937, além do fato de estar incrustado entre duas fases de censura, quando, então, se encontrava dificultada a livre manipulação da opinião do jornal.

A escolha do “O Estado de São Paulo” deveu-se ainda a algumas características singulares desse jornal no período em questão: trata-se de um periódico que se definia como órgão de oposição aos governos estabelecidos e se pautava por uma linha de defesa constante dos postulados liberais.

As autoras constatarem que a atuação política do jornal não se prendia a interesses imediatistas no período, mas se orientava por um projeto informado pelas idéias da doutrina liberal, idealizado para São Paulo e para o Brasil. É assim que se deve entender, por exemplo, a preocupação constante de “O Estado de S. Paulo” em encontrar soluções aos problemas enfrentados pelo café, esteio da economia paulista. Discordando se conclusões consagradas por parte da historiografia (que caracterizam o “O Estado de S. Paulo” como representante dos

comerciantes da classe média), as autoras apontam a ênfase dada pelo jornal ao produto que garantia o predomínio e hegemonia de São Paulo no cenário nacional. Isto se entendia como parte de um projeto mais amplo e a longo prazo preconizado pelos editorialistas.

Através da análise da ação do jornal em defesa dos interesses de São Paulo, Maria Helena e Maria Ligia mostram de maneira clara que as idéias liberais, tão ardorosamente defendidas pelo periódico, foram passíveis de reformulação e de concessões, quando as circunstâncias o exigiram. Essa característica desvendada de maneira modelar pelas autoras, revela certamente uma preocupação mais constante do jornal com a defesa da ordem estabelecida, sobrepondo-se a determinados conflitos que poderiam por em risco a sua continuidade e que, em última instância, acabou colaborando para o desfecho do golpe em 1937.

O tratamento dessa questão permeia os três capítulos do livro. No primeiro capítulo é abordada a inserção do jornal no debate político do período em tela. O segundo capítulo discute a posição do periódico frente aos problemas de caráter econômico. E, o terceiro capítulo analisa mais pormenorizadamente as balizas ideológicas — liberais — que conformam o pensamento dos editorialistas de “O Estado de S. Paulo”.

Essas balizas nas quais se revelam o elitismo, o conservadorismo, e a postura de classe dominante do jornal, sem ser ambígua frente aos postulados liberais, exemplifica sobremaneira uma vertente do liberalismo no Brasil.

Atingidos os objetivos do estudo, de analisar o que pensavam, como agiam, como justificavam e o que propunham os liberais de “O Estado de São Paulo”, as autoras, numa feliz escolha, selecionaram algumas linhas de Merleau-Ponty para introduzir as suas conclusões finais. Reproduzindo o trecho citado queremos registrar também a importância e a seriedade do estudo aqui considerado:

(...) “Uma sociedade não é o templo dos valores-ídolos que figuram nos seus monumentos ou nos textos constitucionais, uma sociedade vale no que nela valem as relações do homem com o homem. A questão não é somente saber o que os liberais pensam, mas o que, na realidade, faz o Estado liberal dentro de suas fronteiras e fora delas. A pureza de seus princípios não o absolve; pelo contrário, condena-a quando comprova que não existe na prática”. (S. L. M.)

Vangelista, Chiara. *Le braccia per la Fazenda. Immigrati e “caipiras” nella formazione del mercato del lavoro paulista (1850-1930)*. Milano, Franco Angeli Editore, 1982.

Chiara Vangelista, da Universidade de Turim, vem se distinguindo como um dos jovens valores da historiografia brasileira no exterior.

Ela passou vários meses em São Paulo e Rio de Janeiro, esquadrinhando inúmeros arquivos (Biblioteca Municipal de S. Paulo, Arquivo Público do Estado, da Federação da Indústria de S. Paulo, Instituto Italiano de Cultura, Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, além da Biblioteca Nacional, do Arquivo Nacional, do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais, do IBGE, da Federação da Indústria do Rio de Janeiro, etc). Na Itália, ela procurou documentos pertinentes, na Biblioteca Nazionale di Torino e no Istituto Agronomico per l'Oltremare di Firenze, dentre outros fundos arquivísticos. Tudo, com a intenção de preparar uma tese inovadora e com perspectivas diversas, sobre um tema predileto e por isso mesmo largamente estudado: a economia paulista do café, no século XIX.

O centro de seu interesse está no estudo sistemático da formação, organização, funcionamento e evolução do mercado de trabalho livre, em uma economia de exportação. A oferta de mão-de-obra na lavoura cafeeira, em terras de disponibilidade praticamente ilimitada, era o fator produtivo maior, na organização e expansão da economia exportadora do café. A transição do trabalho escravo para o livre (1850), privilegiou o imigrante europeu, especialmente o italiano, em desfavor do caipira, que praticamente fica marginalizado do processo. Nasce então, um mercado de mão-de-obra.

Neste trabalho a Autora pretende também recolocar o papel do trabalhador imigrado, na realidade econômica, social, cultural paulista, fornecendo novas hipóteses sobre função e situação do colono europeu, na fazenda de café. Esta articulação pode levar a um melhor conhecimento dos mecanismos do mercado de trabalho, ainda tão pouco conhecidos pela historiografia contemporânea.

A obra comporta: um estudo, em bases quantitativas e qualitativas, da formação da oferta de mão-de-obra, aberta pela expansão do café; uma análise dos elementos constitutivos do mercado de trabalho (demanda, oferta, salários, preços); o estudo do trabalho e sua retribuição (salários, nível de vida da sociedade rural, etc); mobilidade e alternativa da mão-de-obra (instabilidade no trabalho, imigração para São Paulo, condições de trabalho do colono), enfim, os mecanismos do mercado, como conclusão. (M.L.M.)